

O ETERNO RETORNO AO PASSADO: UM ESTUDO DE CHARGES CONTEMPORÂNEAS SOBRE A HISTÓRIA EGÍPCIA ANTIGA

KARINE LIMA DA COSTA*

BREVE INTRODUÇÃO E HISTÓRICO DO PROJETO

Sabemos que quem escolhe estudar a história da Antiguidade em instituições brasileiras deve ter em mente alguns empecilhos que deverão surgir durante esta caminhada, como o próprio fato de estarmos distante geograficamente do lugar de origem desse passado remoto, seja ele clássico ou oriental. O desconhecimento de outras línguas (e principalmente as línguas antigas) também é uma barreira a ser vencida. Por isso, o estudante deve estar disposto a encarar essas dificuldades e se empenhar ao máximo na pesquisa, já que provavelmente a sua escolha tenha sido feita por puro amor – não existe estudo sobre a Antiguidade sem a paixão pela Antiguidade.

Partindo dessa premissa – o amor pelos estudos das sociedades antigas – é que resolvi ingressar na faculdade de História em 2004. No ano seguinte, cursando a disciplina de Seminário de História Antiga, ministrada pela professora Dra. Margaret Marchiori Bakos, resolvi me dedicar ao estudo da história do Egito antigo, um desejo que me acompanhava desde a 5ª série do Ensino Fundamental. É claro que eu não tinha a mínima noção do que estava por vir e de todas as dificuldades que teria que enfrentar para seguir com o meu desejo, nem de todas as conquistas.

Assim, tive contato com a pesquisa “Egiptomania no Brasil: séculos XIX, XX e XXI” que vem sendo desenvolvida desde 1995, na PUCRS, sob a coordenação da professora Margaret. O objetivo da pesquisa é identificar e analisar as diferentes apropriações sofridas pela civilização egípcia antiga nas sociedades contemporâneas, o que facilita a aproximação entre Egito antigo e Brasil contemporâneo, já que os elementos dessa antiga civilização são encontrados em diversos âmbitos da nossa sociedade atual: “a História da Antiguidade produz, hoje, muitos e diferentes trabalhos que buscam melhor compreender as tênues relações entre o passado analisado e o presente vivido” (FEITOSA e SILVA, 2009:212).

* Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Bolsista CAPES.

Com o devido conhecimento acerca do projeto foi criado um Banco de Dados que possibilitou o armazenamento de todas as imagens e as informações referentes à pesquisa. Um técnico em Informática¹ foi contratado e gerou o banco de acordo com as categorias que lhe foram solicitadas. O Banco de Dados foi apresentado em salões de Iniciação Científica da PUCRS e da UFRGS.

Trabalhando no armazenamento das imagens, percebemos que havia um número razoável de charges que utilizavam símbolos do Egito antigo em sua composição. Decidimos então iniciar uma investigação para saber o porquê da escolha desses símbolos na criação de charges contemporâneas. Foi montado um projeto de pesquisa acerca dessa temática e enviado ao CNPq, que me concedeu uma bolsa Pibic com duração de um ano (agosto de 2006 a julho de 2007). Durante este período eu pesquisei essas charges em jornais² e revistas³ impressos e *on-line*⁴, além das contribuições de colegas, professores e amigos.

A primeira apresentação dessa pesquisa ocorreu em 2006, na XII Jornada de Estudos do Oriente Antigo e no mesmo ano ela foi apresentada no VI Congresso Internacional de Estudos Ibero-americanos, ambos na PUCRS⁵. Em 2007, a pesquisa mostrou seus avanços na XIII Jornada de Estudos do Oriente Antigo, no XXIV Simpósio Nacional de História, em São Leopoldo e no II Encontro Nacional de Estudos Egiptológicos, em Curitiba⁶.

Após o término da bolsa, enviamos o projeto reformulado para a Fundação de Amparo a Pesquisa no Rio Grande do Sul (FAPERGS). Neste trabalho foram pesquisadas apenas as charges que apresentavam a imagem da esfinge, ao invés de trabalhar com todos os símbolos egípcios, já que não tínhamos tempo hábil para fazer esse tipo de análise, pois a cada dia que passa a quantidade de charges aumenta. A

¹ Alexandre Zart, coordenador da Gerência de Tecnologia da Informação e Telecomunicação (GTIT) da PUCRS.

² *Diário Gaúcho* e *Zero Hora* (Porto Alegre – RS).

³ *Revista Brasília Em Dia* (Brasília – DF); *Revista Ilustrada* (Rio de Janeiro - RJ).

⁴ *Diarioweb* (São José do Rio Preto – SP), *Jornal do Commercio* (Recife – PE), *Paraná Online* (Paraná - PR).

⁵ Ambas as apresentações foram sob o título: “Charges e Caricaturas: fazendo humor com o Egito Antigo”.

⁶ Nestas apresentações, o título foi: “Elementos Egípcios em Charges e Caricaturas da Imprensa Brasileira”.

Fundação nos contemplou com dois anos de bolsa⁷ que contribuíram para a realização de uma monografia de final de curso. O trabalho foi apresentado em junho de 2009, sob o título: O “lugar da diferença” em charges da Imprensa Brasileira através da figura da esfinge (séculos XIX, XX e XXI).

O projeto da FAPERGS já foi apresentado no VIII Salão de Iniciação Científica da PUCRS⁸, no VI Encontro Nacional de História Antiga e IX Jornada de História Antiga de Pelotas⁹, no IX Salão de Iniciação Científica da PUCRS e no Ciclo de Debates em História Antiga: o estágio atual da pesquisa e docência no RS¹⁰.

O projeto já contou com o apoio de muitos pesquisadores que defenderam monografias de final de curso¹¹ e até dissertação de mestrado¹² sobre a temática. Hoje, sou mestranda no Programa de Pós-Graduação em História da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, nota seis da CAPES. O que foi uma conquista, confesso, já que a área de concentração do Programa é direcionada para o estudo das Sociedades Ibero-Americanas, com ênfase na História Contemporânea. Com o apoio da professora Margaret e a confiança no nosso trabalho esta pesquisa está obtendo êxito cada vez mais.

O ESTUDO DAS CHARGES COM ELEMENTOS EGÍPCIOS

O estudo de charges e de histórias em quadrinhos tem sido desenvolvido com as diversas pesquisas realizadas no país e no exterior, o que viabiliza sua utilização por parte dos professores. Eles veem nessas manifestações objetos lúdicos que auxiliam seu trabalho dentro da sala de aula, além de incitar o observador a ter uma visão real e crítica do que está acontecendo no mundo: “produzir charge está intimamente atrelado à

⁷ Projeto “Egiptomania no Brasil: séculos XIX, XX e XXI”. Duração da bolsa: agosto de 2007 a julho de 2009.

⁸ A partir dessa apresentação, delimitamos apenas a esfinge para ser trabalhada nas charges: “A Esfingemania presente em charges e caricaturas no Brasil”.

⁹ Mesa Redonda: “Poder e sedução de ícones do Egito Antigo no cotidiano da América do Sul”.

¹⁰ Essas duas últimas sob o título: “A manifestação do humor através de charges com esfinges egípcias”.

¹¹ Além da minha já referida monografia, foram defendidas também as monografias de Ana Paula de Andrade Lima de Jesus (Pirâmides do Egito Antigo: imagens no cotidiano brasileiro no século XX e XXI) e de Gregory da Silva Balthazar (Cleópatra, Poder e Sedução: A Imagem Através do Tempo).

¹² Título: Penduricalhos da memória: usos e abusos dos obeliscos no Brasil (Séculos XIX, XX e XXI), sob a autoria de Márcia Raquel De Brito Saraiva.

necessidade do ser humano em gerar críticas, principalmente, ao sistema sócio-político no qual se encontra inserido” (LESSA, 2007:9).

O cartunista nunca inventa algo que possa ser exagerado, ele capta na pessoa uma característica que se mostra mais saliente, e a partir dessa característica é que é dado o exagero. Por exemplo: se uma pessoa tem um nariz ou uma orelha avantajada, certamente essa será a característica marcante que aparecerá representada, nunca algo fora do comum: “(...) rimos então, de um rosto que é por si mesmo, por assim dizer, a sua própria caricatura” (BERGSON, 1980, p. 23). Assim, com relação aos elementos egípcios presentes nas charges estudadas, alguns podem até obedecer ao retrato fiel dos originais, mas em relação ao seu verdadeiro significado, muitos deixam a desejar.

Para que o entendimento da charge que está sendo apresentada ocorra é preciso que o leitor tenha o mínimo de familiaridade acerca dos personagens e acontecimentos representados na imagem, bem como dos elementos egípcios que estão sendo ilustrados, caso contrário, o cartunista não terá atingido o seu objetivo:

Nenhuma pessoa ri da piada expressa na charge se não houver um código próprio entre o autor e o leitor. Por outro lado, como a charge provoca às situações noticiadas, normalmente, na véspera ou na antevéspera de ser veiculada, isto é, o consumidor da charge necessita ser também consumidor de notícia (LESSA, 2007:14).

Mesmo que o leitor não tenha conhecimento acerca da notícia que está sendo ilustrada na charge, ele certamente reconhecerá os elementos egípcios mostrados, pois estes estão presentes no imaginário coletivo que há anos se estabeleceu sobre a civilização egípcia antiga. Conhecendo ou não o verdadeiro significado desses elementos (ou com que finalidade eles foram criados), eles são facilmente reconhecidos por todos: “pelos sentidos de imortalidade, solidez, credibilidade e sabedoria, elementos cotidianos e da arte faraônicos permanecem no imaginário coletivo da humanidade, sendo utilizados de diferentes formas” (BAKOS, 2004:433).

Para entendermos essa afirmação, passaremos a analisar agora algumas charges que utilizam elementos egípcios para ilustrar e aproximar acontecimentos contemporâneos. A primeira charge que será analisada foi publicada em vinte e cinco de agosto de 2007, na seção Charge do *site* do *Jornal do Comércio* de Recife pelo cartunista Ronaldo. Trata-se do escândalo do mensalão que ocorreu entre os anos de 2005 e 2006, sob a presidência de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), onde o então

deputado Roberto Jefferson (PTB-RJ) acusou alguns membros dos partidos PL e PP de receber uma espécie de “mesada” do PT para apoiar o governo.



Mensalão: o retorno. Autoria de Ronaldo.¹³

Na imagem podemos observar uma múmia encaminhando-se na direção do Congresso Nacional e algumas pessoas correndo assustadas e o título da charge é: “mensalão, o retorno”. A charge na verdade alude uma situação que ocorreu após todos os debates e encaminhamentos acerca do escândalo, pois em agosto de 2007 iniciou-se o julgamento do mensalão pelo Supremo Tribunal Federal. Com o julgamento, todas as acusações e defesas voltam à tona e acredito que por esse motivo o cartunista da charge tenha pensado na imagem da múmia para ilustrar esse momento, já que no imaginário de muitas pessoas a múmia é vista como uma espécie de fantasma, um retorno do morto ao mundo real – uma visão que não se distancia muito da crença dos antigos egípcios na vida após a morte – já que os mortos passavam por um processo de mumificação a fim de preservar o corpo que o acompanharia para toda a eternidade.

A próxima charge a ser analisada foi publicada pelo jornal *Correio do Povo*, pelo cartunista Amorim e diz respeito a um referendo feito na Venezuela que viabilizava a reeleição ilimitada do presidente Hugo Chávez. O referendo realizou-se

¹³ Disponível em: <http://jc3.uol.com.br/jornal/charge.php?dth=2007-08-25>, acesso em dezembro de 2007.

em fevereiro de 2009 e foi aprovado pelos venezuelanos, o que permite que o presidente Chávez seja reeleito quantas vezes desejar.



Charge sobre a reeleição ilimitada do presidente Hugo Chávez. Autoria de Amorim¹⁴.

Na imagem o presidente Hugo Chávez aparece sentado sob uma poltrona representado como um faraó, pois ele porta o *nemes*, o barbicacho e ainda segura um cajado, atributos característicos da realeza egípcia antiga. Um súdito se apresenta para o presidente, que afirma: “agora dá tempo pra terminar a pirâmide...” e ao fundo podemos observar o deserto e algumas pedras, onde se deduz que lá será construído esse monumento:

As pirâmides do Egito eram utilizadas para sepultar os faraós, que acreditavam que na pós-morte necessitariam do corpo, e por isso a preocupação de mantê-lo intacto e em segurança. O nome pirâmide “dada aos túmulos faraônicos do Império Antigo é de origem grega (pyramis), aludindo à semelhança entre os característicos monumentos funerários e um determinado tipo de bolo (ARAÚJO, 1992 apud JESUS, 2009:14).

Como Chávez ganhou o direito de se reeleger quantas vezes quiser, a imagem sugere que a partir deste momento ele poderá dar continuidade às tarefas e planejamentos pretendidos para o seu país. Além desta imagem, outro cartunista

¹⁴ Disponível em: <http://rizzolot.wordpress.com/2009/02/16/charge-do-amorim-para-o-correio-do-povo-5/>, acesso em fevereiro de 2009.

também teve a ideia de relacionar o que estava acontecendo com o poder político de Chávez na Venezuela e o poder exercido pelos faraós do Egito antigo:



Charge “O faraó da Venezuela”. A autoria de Sinfrônio.¹⁵

Nesta charge o presidente aparece representado como o faraó Tutankhamon, último rei da 18ª dinastia do Egito antigo. No canto superior esquerdo observamos a frase “ad eternum” que em latim significa “para eternidade”. A notícia da candidatura “eterna” do presidente é relacionada aqui com a perenidade com que os governantes reinavam no Egito antigo, já que para os faraós a vida eterna era o motor de toda a civilização egípcia.

A última charge foi encontrada no *blog* de Jamir de Sousa Lima que a retirou da *Folha de São Paulo*. Trata-se de uma crítica feita pelo autor do *blog* sobre a nova reforma ortográfica e é ilustrada pela charge do cartunista Jean Carlos Galvão.

A reforma ortográfica foi lançada em 2009 pelo então ministro da Educação Fernando Haddad, que afirmou que ela deveria ser implementada no Brasil até 2011. O objetivo é fazer “com que pouco mais de 210 milhões de pessoas em oito países que falam o português tenham a escrita unificada, conservando as variadas pronúncias”.¹⁶ Aqui no Brasil, a notícia pegou muitos de surpresa: as pessoas ainda hoje estão divididas quanto as suas opiniões. Algumas acham que já estava na hora de

¹⁵ Disponível em: <http://www.humornanet.com/servlet/sitem?itm=7822&mod=top&cat=19>, acesso em junho de 2009.

¹⁶ Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/perguntas_respostas/reforma_ortografica/index.shtml, acesso em julho de 2010.

reformarmos a nossa língua, outras acham que a reforma foi desnecessária, já que dentro do próprio país a língua portuguesa é falada de diversas maneiras, com suas *gírias* e sotaques característicos de cada região, o que não será alterado com a reforma.



Charge da Reforma Ortográfica¹⁷. Autoria de Jean, *Folha de São Paulo*.

Na imagem vemos um escriba sentado preenchendo quatro colunas de um templo egípcio antigo. Ao lado dele, de pé, está um faraó que ordena que ele “refaça tudo”. Ou seja, a metáfora da reforma ortográfica aqui do Brasil está sendo associada com o trabalho dos escribas no antigo Egito que faziam parte de uma classe privilegiada naquele tempo, pois conheciam a língua e os caracteres antigos, o que os diferenciavam dos demais. Segundo o historiador e crítico de arte Georges Didi-Huberman, “diante da imagem nós somos um elemento frágil e diante de nós ela é um elemento de futuro, um elemento da duração” (DIDI-HUBERMAN, 2006:32). Sendo assim, através dessa imagem isso pode se verificar, pois o autor da charge conseguiu unir presente e passado dentro de um quadro, ou como diz o próprio Didi-Huberman, “o artista manipulou tempos que não são seus”, fazendo com que isso sirva não apenas para nos fazer rir, mas também para nos fazer pensar.

¹⁷ Disponível em: jamirlima.blogspot.com/2008_12_28_archive.html, acesso em julho de 2009.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todas as imagens mostradas neste artigo – assim como todas as charges encontradas durante a pesquisa – nos revelam alguns aspectos importantes, como a atualidade e o capricho dos cartunistas que estão sempre atentos ao que está acontecendo no mundo, tendo a função principal de nos divertir e, ao mesmo tempo, de nos informar. Quando recorrem aos elementos egípcios para executar a sua tarefa a função de informação se torna ainda mais preciosa, pois além de ajudar no reconhecimento do leitor de tais elementos, ele também está ajudando na manutenção do imaginário coletivo sobre a vida dos antigos egípcios: “através da egiptomania, situada entre a ciência e a imaginação, temos a consciência de sermos contemporâneos dos períodos há muito passados. É que a história atual é de fato uma história da humanidade” (BAKOS, 2005:279).

Quando pensamos nas diferentes temporalidades que podem ser encontradas em tais charges não percebemos o quanto o tempo passado pode nos dizer a respeito do presente. O anacronismo aqui não é visto de maneira negativa, desde que apresentado dentro de um contexto que aproxime e auxilie o leitor no entendimento da situação ilustrada:

A imagem não pode ser pensada apenas sob ângulo do momento em que ela é criada. É necessário se identificar as sobrevivências presentes na mesma, os encontros de temporalidades contraditórias que elucidam a intrincada rede de conexões com as quais ela é elaborada (KERN:10).

No caso das charges aqui estudadas isso é mais do que evidente. Precisamos contextualizar o momento em que elas foram criadas, o que estava acontecendo naquele período e que relação o autor da obra pretendeu fazer com o tempo passado. A imagem não necessariamente vai ter o intuito de passar uma mensagem – embora as charges particularmente tenham essa intenção – mas para o observador mais atento, estas são questões que devem ser consideradas relevantes.

No estudo da Egiptomania essas considerações são de extrema importância para que se possa estudar as diferentes apropriações do Egito antigo no mundo contemporâneo e com que finalidade essas apropriações são efetuadas. Esse “eterno retorno ao passado” que a Egiptomania estuda nos ensina a conhecer e a respeitar cada

vez mais as culturas antigas e a prestar mais atenção na influência delas sobre o nosso presente.

Para concluir, mantenho a minha ideia sobre a dificuldade em trabalhar com a História Antiga no Brasil, mas reconheço também a existência e o esforço de excelentes professores que estão ligados a instituições de ensino no país, dispostos a ajudar todos que optam por essa escolha.

Referências Bibliográficas

BAKOS, Margaret M. **Egiptomania: o Egito no Brasil**. São Paulo: Paris Editorial, 2004.

_____. História Antiga e Brasil Moderno: percepção de motivos egípcios no cotidiano nacional. In: Sociedade Brasileira de Pesquisa Histórica (SBPH). **Anais da XXIV Reunião**. Curitiba, 2004.

_____. O Egito Antigo na Fronteira da Ciência e Imaginação. In: NOBRE, C.; CERQUEIRA, F.; POZZER, K. (Org.). **Fronteiras & Etnicidade no Mundo Antigo**. Canoas: ULBRA, 2005.

BERGSON, Henri. **O riso: ensaio sobre a significação do cômico**. Rio de Janeiro: Jahar Editores, 1980.

DIDI-HUBERMAN, G. **Ante el tiempo**. Buenos Aires: Adriana Idalgo Editora, 2006.

FEITOSA, Lourdes M. G. C.; SILVA, Glaydson José da. O mundo antigo sob lentes contemporâneas. In: FUNARI, Pedro Paulo A.; SILVA, Maria Aparecida de Oliveira (orgs.). **Política e Identidades no Mundo Antigo**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2009.

JESUS, Ana Paula de Andrade Lima. **Pirâmides do Egito Antigo: imagens no cotidiano brasileiro no século XX e XXI**. Monografia de conclusão de curso. PUCRS: 2009.

KERN, Maria Lúcia Bastos. **Imagem, História e Memória**. Sem data.

LESSA, David Perdigão. O Gênero Textual Charge e sua Aplicabilidade em Sala de Aula. **Revista Travessias**, v. nº 01, p. on-line, 2007.